



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA ESPANHOLA**

GENILSON MESSIAS DOS SANTOS MACIEL

**O MEDO NAS FRONTEIRAS DO ENSINO-APRENDIZAGEM SEGUNDO
PAULO FREIRE**

**MONTEIRO
2018**

GENILSON MESSIAS DOS SANTOS MACIEL

**O MEDO NAS FRONTEIRAS DO ENSINO-APRENDIZAGEM SEGUNDO
PAULO FREIRE**

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Letras – Língua Espanhola do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras.

Área de concentração: Linguística, Letras e Artes.

Orientador: Prof. Dr. Otacílio Gomes da Silva Neto.

**Monteiro
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M152m Maciel, Genilson Messias dos Santos.
O medo nas fronteiras do ensino-aprendizagem segundo Paulo Freire [manuscrito] : / Genilson Messias dos Santos Maciel. - 2018.
21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Otacilio Gomes da Silva Neto ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Paulo Freire. 2. Processo ensino-aprendizagem. 3. Educação Libertadora. 4. Medo (Abordagem filosófica).

21. ed. CDD 370.115

GENILSON MESSIAS DOS SANTOS MACIEL

O MEDO NAS FRONTEIRAS DO ENSINO-APRENDIZAGEM SEGUNDO PAULO
FREIRE

Trabalho de Conclusão de Curso em
Licenciatura Plena em Letras – Língua
Espanhola do Centro de Ciências
Humanas e Exatas da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de graduação
em Letras.

Área de concentração: Linguística, Letras
e Artes.

Aprovada em: 14/06/2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Otacilio Gomes da Silva Neto (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correa

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Christian Fabrício dos Santos Silva

Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a “Deus” por ter me dado força coragem e sabedoria para concluir essa caminhada desde o vestibular até agora no término desse trabalho.

Agradeço a minha mãe Maria de Fátima dos Santos Maciel que sempre me apoiou e me incentivou a estudar; agradeço também a minha tia Quitéria Borges da Silva, aos meus amigos Fábio De Sousa Lima e Antemildo de Andrade que sempre me incentivaram nos estudos.

Agradeço ao meu orientador: Prof. Dr. Otacílio Gomes Da Silva Neto e aos professores que fizeram parte no processo de ensino aprendizagem do curso que concluo agora.

Agradeço aos colegas do curso, aos colaboradores do CCHE, e por fim as pessoas que me incentivaram. Elas foram a energia que faltava para eu erguer a cabeça e acreditar que era possível.

“Não tenho que esconder meus temores. Mas o que não posso permitir é que meu medo seja injustificado, e que me imobilize. Se estou seguro do meu sonho político, então uma das condições para continuar a ter esse sonho é não me imobilizar enquanto caminho para sua realização. E o medo pode ser paralisante”.

Paulo Freire

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	Desenvolvimento.....	8
2.1	Problematização.....	8
2.2	Metodologia.....	9
2.3	Análise e discussão.....	9
2.3.1	O medo na experiência de Paulo Freire	9
2.3.2	Causas do medo na concepção de Paulo Freire.....	13
2.3.3	Superações do medo e a liberdade como uma conquista.....	17
3	CONCLUSÃO.....	21
	REFERÊNCIAS.....	22

O MEDO NAS FRONTEIRAS DO ENSINO-APRENDIZAGEM SEGUNDO PAULO FREIRE

Genilson Messias dos Santos Maciel

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é a de investigar, dentro de uma abordagem filosófica, o conceito de medo e suas causas e consequências no ensino-aprendizagem, na concepção do educador Paulo Freire. Partiremos de uma abordagem sobre o medo segundo esse autor, em sua obra escrita em forma de diálogo com o educador Ira Shor (2011): “Medo e ousadia: o cotidiano do professor”. O nosso intuito é o de entender como o medo foi parte da experiência de vida de Paulo Freire, e como ele esclarece os seus medos a partir de sua vivência. Em seguida, analisaremos as causas do medo tendo por base as obras: “Medo e ousadia” e a “Pedagogia do oprimido”. Em “Medo e ousadia” discutiremos as causas do medo enfrentadas por educadores através dos exemplos narrados por Freire e Shor (2011). Na “Pedagogia do oprimido”, analisaremos as causas do medo em relação com a ausência da liberdade. Concluiremos a nossa pesquisa apresentando as formas de superações do medo e a liberdade como uma conquista, através de um ensino-aprendizagem guiado por uma educação libertadora e problematizadora.

Palavras-chave: Medo. Liberdade. Ensino-aprendizagem

1 INTRODUÇÃO

O medo é um tema que sempre tem acompanhado a humanidade. Por séculos, muito se tem produzido para entender, conceituar e solucionar o medo, nas mais variadas áreas do conhecimento. O medo tem nos entrincheirado, nos desafiado, às vezes nos vencido, outras vezes, ele tem sido derrotado. O problema do medo também inquietou o educador e intelectual recifense, Paulo Freire. O objetivo desse trabalho é o de investigar como Paulo Freire trabalhou a questão do medo focando no ensino-aprendizagem.

Para desenvolvermos nossa pesquisa partimos do conceito de medo a partir das experiências de Paulo Freire, a partir da obra “Medo e Ousadia: o cotidiano do professor”. O que demonstra que no nosso autor, não há como dissociar teoria e prática. Em seguida, demonstramos quais as causas do medo na visão de Paulo Freire. Ao analisarmos esse tópico, utilizamos, além da obra: “Medo e Ousadia”, já citada, também trabalhamos a obra: a “Pedagogia do oprimido”.

No nosso último tópico desenvolvemos uma argumentação envolta das superações do medo e a liberdade como exercício de conquista. Nesse tópico, apresentamos o conceito de educação bancária como um tipo de educação que cria e mantém medos dado o seu caráter autoritário e anti-dialógico. Em contraste, o conceito de educação problematizadora vem a ser uma ferramenta indispensável para prevenir e combater as fobias doentias que assediam o ensino-aprendizagem. Para desenvolvermos esse tópico, recorreremos a obra: “Pedagogia do oprimido” de Paulo Freire (2011).

A nossa iniciativa em desenvolver a temática sobre o medo e sua relação com o ensino-aprendizagem na perspectiva de Paulo Freire, almeja contribuir, do ponto de vista da pesquisa bibliográfica, com as temáticas que norteiam os desafios da educação, e em particular, aquelas que estão vinculadas com o pensamento de Paulo Freire.

2 DESENVOLVIMENTO

Os passos e caminhos que orientam a nossa pesquisa parte de uma problematização envolvendo o medo e o ensino-aprendizagem na ótica de Paulo Freire. Em seguida, apresentaremos a metodologia utilizada para desenvolvermos a análise e discussão da temática até a conclusão do trabalho, no qual apresentaremos os resultados da pesquisa, e as referências bibliográficas utilizadas no trabalho.

2.1 Problematização

A nossa problematização teve como foco discutir a seguinte questão: quais são as consequências do medo para o ensino-aprendizagem na concepção de Paulo Freire? Para Freire (2011), o medo é algo real, assim sendo, as pessoas envolvidas no ensino aprendizagem não estão livres dele. Há que se perguntar, quais são os efeitos do medo uma vez que essa sensação está presente no ambiente que envolve o espaço do ensino-aprendizagem.

Outros problemas foram trabalhados a partir desse foco central, por exemplo: o que Paulo Freire entende mesmo por medo? Ele enumera alguns tipos de medo? Quais os tipos de causas que podemos especificar sobre a sensação de medo, conforme o nosso autor? A sensação de medo é algo somente negativo, ou podemos perceber nele

algo de positivo? Como superar os medos, de acordo com Paulo Freire? Quais métodos de ensino que reforçam o medo? Quais métodos de ensino superam o medo?

2.2 Metodologia

A nossa metodologia para esse trabalho foi a de pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico e interpretativo, baseados numa abordagem filosófica de textos de Paulo Freire. Os conceitos trabalhados foram desenvolvidos a partir de leituras e fichamentos, resumos e resenhas, debates e produção de textos. Esse método possibilitou que o nosso texto argumentativo fosse construído com apoio do referencial bibliográfico disponível.

2.3 Análise e discussão

2.3.1 O medo na experiência de Paulo Freire

Na obra: “Medo e ousadia: o cotidiano do professor”, livro escrito na forma de diálogo entre Paulo Freire e Ira Shor (2011), educador norte-americano, o nosso autor menciona que: “Em primeiro lugar, acho que quando falamos sobre o medo, devemos estar absolutamente seguros de que estamos falando sobre algo muito concreto. Isto é, o ‘medo’ *não* é uma abstração” (FREIRE e SHOR, 2011, p. 94). A experiência do medo não foi fruto de um mero debate teórico e conceitual em Paulo Freire. Medo é algo concreto, real. O medo fez parte da sua experiência de vida, como pessoa, educador e militante social.

Por exemplo, na mencionada obra, Freire (2011) compartilha sua experiência de medo na época do golpe militar de 1964. O nosso intelectual recifense já estava engajado na luta por uma sociedade humanizada por meio da educação. Obviamente, como ele não se ajoelhou aos pés da ditadura, pelo contrário, a criticou em nome dos ideais democráticos, ele foi perseguido e preso, assim como muitos outros intelectuais brasileiros. Conforme Freire narra para Shor (2011, p. 106): “Tive vários momentos difíceis de cultivar meu medo, depois que fui detido em minha casa durante o Golpe”. Em seguida, o nosso autor inicia a narrativa na qual experienciou já estando na prisão, conforme citação:

Uma tarde, estava em minha cela com cinco ou seis colegas – intelectuais, advogados, médicos, profissionais liberais. Os carcereiros acabavam de nos

dar o almoço, mas todos nós jogamos fora mais do que comemos aquela comida horrível (FREIRE e SHOR, 2011, p. 106).

No regime militar tal qual ocorreu no Brasil, a polícia detinha o poder de vida e morte sobre as pessoas quando estas apresentavam ameaça (ou não), a esse *status quo*. Alguns intelectuais, como Paulo Freire, mantiveram o seu desejo de liberdade quando não aceitaram as amarras grosseiras do regime. A consequência foi que Freire foi enviado à masmorra. Parece costumeiro ouvir narrativas como essa nos dias de hoje. Mas, não nos esqueçamos da violência na qual esses intelectuais sofreram pela ditadura. Eles foram arrancados de suas casas em frente de suas famílias. Tiveram seus pertences revirados, bibliotecas confiscadas até serem metidos nas cadeias em condições sub-humanas. O pecado de Freire: acreditar numa educação libertadora para a transformação social em vista da humanização.

A narrativa segue apresentando outros detalhes mórbidos desse episódio envolvendo o nosso autor, conforme citação:

Alguns de nós estavam em silêncio, outros conversavam. Então, um policial entrou na cela e perguntou: “Quem é Paulo Freire?” Respondi “presente”, como um aluno de escola. Então ele disse: “Gosto de presos como você, com um bom sentido de obediência. Pegue suas coisas e venha comigo” (FREIRE e SHOR, 2011, p. 106-107).

Não houve diálogo entre Paulo Freire e o policial. Houve comando, o polícia mandou e Freire obedeceu. O medo existe onde não há possibilidade de diálogo. Paulo Freire não sabia para aonde ia. Ele poderia ir para tortura, para o martírio. Mesmo assim ele tinha que obedecer. É o regime quem determina o que as pessoas devem fazer sem discutir, afinal, as pessoas têm que ter “um bom sentido de obediência”. Ainda assim, Freire (2011, p. 107) ousou questionar o polícia: “‘Aonde?’ Mas ele só respondeu: ‘Você vai saber quando chegar lá’”. O nosso autor não tinha ideia para onde esse “lá” o levaria, mas ele tinha que ir. Dramaticamente, a narrativa segue, conforme citação:

Ele me pôs dentro de um jipe que saiu correndo. Enquanto o jipe estava em movimento, senti que o medo me envolveu. Eu me perguntava: “Aonde estou indo agora? Qual meu destino? Estou indo para um lugar do qual possa voltar? Como avisar a Elza que estou sendo removido?” (FREIRE e SHOR, 2011, p. 107).

Em momentos limites como esse, essas e outras indagações mais deveriam ter rodeado a cabeça desse educador brasileiro. Pelo menos uma coisa ele teve absoluta certeza: “o medo me envolveu”. Nesse caso específico, o medo ainda não estava em Freire, não fazia parte de sua experiência. Ele se revelou e o envolveu à ponto de Freire pensar em qual era o seu destino. Isso também inclui o medo da morte, a finitude da vida que poderia ser-lhe roubada de forma violenta. Ainda lhe foi possível uma

lembrança: Elza, sua companheira, seu porto seguro naquele momento de angústia. Ela precisava ser avisada, mas como? Freire continuava sua narrativa, sua experiência do medo, conforme citação:

Para um prisioneiro, ser removido é algo preocupante. O jipe viajou durante trinta ou quarenta minutos, durante os quais fui invadido pelo medo do desconhecido. Em algum momento da viagem, percebi que se não conseguisse controlar meu medo, ele me destruíria (FREIRE e SHOR, 2011, p. 107).

Na sua dramática experiência, Freire (2011) temeu o desconhecido. Estranho que para um mundo científico e técnico que ousa controlar tudo, intelectuais ainda temam o desconhecido. Parece que a ciência que pode muito, não dá conta do essencial na vida humana, que é descoberta do real sentido da vida. Foi aí que Freire (2011) sentiu a necessidade de controlar a sua fobia, pois se assim ele não fizesse, conforme ele mesmo diz, ela o destruiria. Nesse caso, a experiência do medo de Paulo Freire poderia levá-lo ao aniquilamento. Eram necessários autocontrole e autodomínio, porém encorajado pelo que? Eis a continuação da narrativa, conforme Freire relata para Shor (2011, p. 107):

Para controlá-lo, estabeleci uma relação entre minha experiência individual e o momento político maior no qual estava. Essa comparação entre minha situação e os problemas do país me permitiu um certo distanciamento. Também percebi que minha posição de classe, enquanto educador, poderia me proteger, pelo menos naquele momento do Golpe.

O controle advém da harmonia entre a missão do indivíduo na sociedade e a situação política na qual o Brasil estava vivendo. Foi o primeiro passo para que Freire (2011) controlasse o medo, afinal, ele não estava ali por acaso, ou ainda por motivações fúteis. Aquele intelectual recifense estava ali por uma causa na qual ele realmente acreditava. Por outro lado, sua posição como educador deu-lhe certas garantias segundo as quais o regime não iria atentar contra sua vida. Desse modo, o medo da morte violenta foi desaparecendo gradativamente. Ainda assim, Freire (2011) confessa-nos que, conforme citação: “Aqueles quarenta minutos no jipe foram os momentos mais agudos da minha luta contra o medo, apesar de já ter sentido medo antes, ao ser preso pela primeira vez” (FREIRE e SHOR, 2011, p. 107).

Em seu relato, Freire narra para Shor (2011) que ainda se depararia com outros obstáculos após controlar o medo do “desconhecido”. Outros medos mais viriam em decorrência da situação, não tão assustadores como o primeiro, mas ainda assim relevantes à ponto de Paulo Freire lembrar, conforme a continuidade de sua narrativa:

Quando o jipe finalmente parou, o policial entregou-me a um tenente num quartel do Exército. Agora, tinha que superar um novo medo, após ter que

lidar com meu medo do desconhecido no jipe. Ali, puseram-me de uma cela minúscula, uma espécie de pequeno armário, de talvez 1,70, de fundo por 70cm de largura, sem janelas. Passei um dia e uma noite naquela cela. Quando, de saída, reconheci o quartel e sabia onde estava, meu medo do desconhecido diminuiu, mas a seguir tive um segundo medo – se poderia ou não sobreviver biologicamente dentro daquela cela, e por quanto tempo me manteriam dentro dela. Não tinha certeza de poder lidar com um espaço desses (FREIRE e SHOR, 2011, p. 108).

O ínfimo espaço físico no qual Freire fora aprisionado despertou nele um “segundo medo”: a incerteza de se ele sobreviveria ou não, naquele espaço e naquelas condições. Freire não mencionou se ele sofria de claustrofobia, mas nem precisava, dado o tamanho da cela, e porque não dizer, gaiola. Como lidar com um espaço como aquele, e por quanto tempo? Ficariam sequelas no corpo e na mente de Paulo Freire? Foi aí que uma ajuda veio de onde menos se esperava, conforme citação: “Enquanto estava pensando, profundamente sobre isso, de repente, um sargento veio até a cela e falou comigo, quando viu que estávamos a sós” (FREIRE e SHOR, 2011, p. 108).

Situação inusitada para o nosso autor. Em meio à situação de desumanização na qual presos como Freire eram vítimas, resquícios de humanização foram compartilhados. O polícia se aproxima de Paulo Freire e fala-o, sorrateiramente:

Professor, eu sei quem você é, e também sei que você não tem nenhuma experiência de estar num espaço desses. Não fique em pé ou sentado durante muito tempo. Você deve andar dentro da cela. Cada hora, mais ou menos chame por mim ou por qualquer outra pessoa que esteja de guarda e diga que tem que ir ao banheiro, mesmo que não tenha necessidade, só para sair, e não se apresse em voltar” (FREIRE e SHOR, 2011, p. 108).

O comando comunicativo, aquele que vem de cima pra baixo, agora se aproxima do diálogo. O sargento se sente próximo de Paulo Freire. Há um ambiente de respeito entre os dois, já que não se trata de um soldado e um preso político, mas de um sargento e um professor: “eu sei quem você é”, diz o sargento. Há humanidade nele na medida em que o mesmo orienta Paulo Freire a aliviar suas dores. “Esse conselho me ajudou muito a lidar com o meu medo na cela”, reconhece Freire para Shor (2011, p. 108). Isso contrasta com os sádicos que de forma prazerosa enjaularam o nosso autor naquela gaiola, dentro de condições desumanas. “Chame por mim”, diz o sargento, posso ajudar a aliviar sua dor.

Vimos nesse tópico como esse acontecimento narrado, ao final, revelou-se como uma crucial experiência de ensino-aprendizagem para Freire. Controlar o medo em situações com essas não é para qualquer um. Contudo, muito mais do que controlar, Freire (2011) nos ensina como aprender com ela. Para isso, devemos refletir sobre nossas convicções, nosso trabalho com os outros.

Por mais sádica e desumana que seja a situação na qual o humano venha a enfrentar, Freire nos ensina a ter esperança. É assim que o próprio Freire (2011) entende na “Pedagogia da Esperança”, que os conceitos de aprender e ensinar estão para além do ensino formal, conforme citação: “Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implica reconhecer” (FREIRE 2011, p. 65). O que Freire em diálogo com Shor (2011) nos deu, foi uma verdadeira aula baseada num relato real, de como podemos em situações limites, não se desesperar e encontrar forças suficientes para vencer as adversidades. Assim como, também podemos aprender com nossos medos.

No próximo tópico discutiremos sobre as variadas causas da existência do medo, na concepção de Freire (2011), e a importância da conquista da liberdade para superar os medos. Medo e liberdade são conceitos tensos e antagônicos, na teoria freiriana. Ao fazer o contraponto entre ambos, intencionamos incorporá-los às questões vinculadas ao ensino-aprendizagem.

2.3.2 Causas do medo na concepção de Paulo Freire

As causas do medo são diversas, para Paulo Freire. Cabe-nos, nesse subtópico, apresentar modalidades do medo, na concepção do nosso autor. Para tanto, vamos desenvolver dois tipos de medo discutidos nas obras: “Medo e Ousadia” e “Pedagogia do oprimido”. O primeiro está relacionado à atuação política do educador. O segundo tipo tem vínculo mais conceitual, e está em tensão com a concepção freiriana de liberdade.

Em debate com Ira Shor na já mencionada obra: “Medo e ousadia”, Freire correlaciona o medo com a sua atuação política e pedagógica. Para o nosso autor, a prática educativa quando direcionada à política e à sociedade, resulta em inseguranças e medos, pois tais práticas ameaçam posições privilegiadas, conforme citação:

Na medida em que tenho mais e mais clareza a respeito da minha opção, de meus sonhos, que são substantivamente políticos e adjetivamente pedagógicos, na medida em que reconheço que, enquanto educador sou um político, também entendo melhor as razões pelas quais tenho medo, porque começo a antever as consequências desse tipo de ensino (FREIRE e SHOR, 2011, p. 94).

O medo, nessa perspectiva, advém da clareza da missão do educador – ele também é político – na sociedade. A clareza da identidade do engajamento profissional

na educação, faz o educador ter receios daquilo que sua ação pode acarretar para sua vida. Há consequências para aquele que contesta mitos erguidos para manter a exploração de uns sobre outros. Conforme citação:

Pôr em prática um tipo de educação que provoca criticamente a consciência do estudante necessariamente trabalha *contra* alguns mitos, que nos *deformam*. Esses mitos deformadores vêm da ideologia dominante na sociedade. Ao contestar esses mitos, também contestamos o poder dominante (FREIRE e SHOR, 2011, p. 94).

O medo surge como consequência da contestação aos poderes dos segmentos privilegiados. É mais cômodo permanecer neutro e deixar que as coisas se modifiquem por elas mesmas. Contudo, o intelectual autenticamente engajado pensa diferente. Denunciar a ideologia dominante e o poder daqueles que não querem perder seu *status* tem um preço. Assim comunica Freire para Shor (2011, p. 94-95):

Quando começamos a nos sentir envolvidos por medos concretos, tais como o de perder o emprego, ter que ir de faculdade em faculdade mandando currículos sem receber respostas positivas, ou o medo de perder, pouco a pouco, a credibilidade na profissão – quando vemos todas essas coisas, temos que acrescentar outras clarificações originais de nossos sonhos políticos. Devemos estabelecer certos limites para o nosso medo.

Sentir medo é algo normal, mas não deve ser algo permanente. O medo é parte da condição humana, mas é parte provisória dessa condição. Por isso, diante do medo temos algumas alternativas: podemos nos apequenar diante dele. Podemos encará-lo. Essa foi a segunda opção que Freire compartilha com Shor (2011). Na condição de militante das causas sociais e políticas em meio aos horrores das ditaduras na América Latina e da tentativa de desmerecer suas obras por parte de setores incomodados, Freire seguiu em frente. Medo ele sentiu, mas não se deixou abalar por esse estado.

Uma das suas atitudes foi a de reconhecer que sentia medo, ele não escondia o que estava sentindo, conforme citação:

Não tenho de esconder meus temores. Mas o que não posso permitir é que meu medo seja injustificado, e que me imobilize. Se estou seguro do meu sonho político, então uma das condições para continuar a ter esse sonho é não me imobilizar enquanto caminho para sua realização. E o medo pode ser paralisante (FREIRE, 2011, p. 95).

O fato de Freire reconhecer e ousar superar seus “temores” nos faz pensar em pelo menos duas consequências: a primeira diz respeito a segurança de Freire em não esconder seus temores e fragilidades. Ora, o sádico e opressor têm prazer em ver os outros com medo, fragilizados. É agradável e prazeroso aos olhos deles saberem que há pessoas pelas quais eles podem provocar dor, ruína, morte. Para Freire (2011) na “Pedagogia do oprimido”: “O sadismo aparece, assim, como uma das características da

consciência opressora, na sua visão necrófila do mundo. Por isso é que seu amor é um amor às avessas – um amor à morte e não à vida” (FREIRE, 2011, p. 64).

Quando Freire, em seu diálogo com Shor (2011), não teme em falar de seus temores e fragilidades, é sinal que esse educador recifense não se intimida com os sadismos. Mesmo porque Freire tem consciência de sua humanidade. Aquele que tem consciência de sua humanidade, sabe que temores e fragilidades são parte da condição humana. Uma das causas do medo está na própria condição humana.

Portanto, não há o que temer, pois, os sádicos também têm suas fragilidades e temores, e tentam os escondê-los oprimindo e agredindo, ainda que simbolicamente, os outros. Desse modo, compartilha Freire para com Shor (2011), conforme citação: “Essa compreensão do medo não é uma coisa que me diminui, mas que me faz reconhecer que sou um ser humano (FREIRE e SHOR, 2011, p. 97).

Por outro lado, como estamos observando, o medo surge como resultado de inseguranças em torno da possibilidade do fracasso do “sonho político”. Desistir ante ao medo não é a saída. A saída é resistir e alimentar os sonhos, mas isso tem que ser feito de forma estratégica aplicando boas táticas, portanto, não deve ser feito de forma atabalhoada. No diálogo com Shor (2011), Freire nos oferece um interessante exemplo. Em tempos de repressão, as ações de resistência têm que ser estrategicamente equilibradas. Uma dosagem errada pode ter efeitos negativos na luta contra a repressão, pois a repressão pode reagir violentamente contra uma ação mal planejada, conforme citação:

Você só sabe que, naquele momento, é impossível andar um quilômetro. Então você anda oitocentos metros! E você espera até amanhã para poder andar os outros duzentos metros. Naturalmente, uma das questões mais sérias é como aprender a *posição* em que está o limite. Você não acha isso nos livros! Com quem você aprende a estabelecer os limites? Você aprende através da prática (FREIRE e SHOR, 2011, p. 98).

A experiência é formadora, para Freire. Em dados momentos, nós aprendemos e ensinamos mais por meio dela do que na educação formal, nos livros etc. Contudo, para exemplificar o ponto de vista de Freire sobre a importância de resistir dentro de uma dosagem correta, Shor (2011) compartilha com Freire uma situação vivenciada por ele e seus alunos na década de 70 nos Estados Unidos, quando a administração central da Instituição na qual trabalhava convidou um geneticista racista para uma conferência.

Um grupo pequeno de professores no qual Shor fazia parte, aliado a estudantes com uma tendência politicamente mais radical, quiseram impedir a conferência. Shor argumentou ao grupo sobre os perigos do insucesso da manifestação sectária, afirmando

que os efeitos de uma atitude assim não obteriam respaldo junto aos demais estudantes, além do que a gestão iria perseguir essa ala de professores. Não deu outra, conforme citação: “O resultado foi uma ruptura entre a esquerda e a administração liberal e, inclusive, a dispensa de alguns professores radicais” (FREIRE e SHOR, 2011, p. 100).

Com isso, Shor (2011) em diálogo com Freire, salientou a dificuldade da missão do educador comprometido com a transformação política dentro das instituições de ensino, já que: “Existem autoridades que policiam o professor” (FREIRE e SHOR, 2011, p. 100). A função do policiamento é vigiar as atitudes do professor para “corrigi-las”, ou mesmo “puni-las”. Isso acarreta em medos e inseguranças junto ao trabalho docente. Além do que, o professor é coagido a abandonar as suas convicções mais profundas para salvaguardar o seu emprego, conforme citação:

O fato de ser despedido faz com que as pessoas sejam mais cautelosas, politicamente, onde quer que seja o próximo lugar em que venham a passar. Em muitos casos, silencia o professor, especialmente os que têm família para sustentar. Tivemos muitos exemplos de professores radicais que foram despedidos, em todos os níveis de ensino nos EUA. A simples ameaça de perder o emprego é suficiente para silenciar muitos professores (FREIRE e SHOR, 2011, p. 100).

Atitude esta que alude à outra causa do medo na qual Freire (2011) havia trabalhado anteriormente. Na “Pedagogia do oprimido”, o conceito de medo está vinculado à ausência de liberdade. O medo predomina onde as pessoas não conseguem exercer sua liberdade. Elas não conseguem exercer a liberdade, na “Pedagogia do oprimido”, não de maneira voluntária, consciente, conforme citação: “O medo da liberdade, de que necessariamente não tem consciência o seu portador, o faz ver o que não existe” (FREIRE, 2011, p. 32). Não se trata de omissão, mas de ignorância.

Em “Medo e ousadia” as causas do medo também estão na omissão que impedem o compromisso pessoal em ser livre. Mesmo em se considerando o risco do desemprego unida a sobrevivência do educador que quer manter sua família. Não é uma situação fácil, assim. Daí a importância da dosagem no tocante à resistência. Portanto, o exercício equilibrado da liberdade e da resistência à tirania rejeita o radicalismo, sectarismo ou conformismo.

A preocupação de Freire (2011) é com a diminuição da liberdade em favor do encorajamento do medo. Este representa a negação do que Freire (2011) chama de “vocação ontológica” do ser humano. Para Freire (2011, p. 40): “Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores”. Quando o medo se origina, cresce e predomina nos sujeitos, não há liberdade.

Por outro lado, o exercício da liberdade ocasiona em medo para com aqueles que ousam pensar em ser livres, e não estão preparados para alçar voos, por naturalizarem o medo e o conformismo. Nesse caso, medo e fatalismo andam juntos. O medo acomoda, impede as pessoas de serem sujeitas de sua história. Desse modo, torna-se mais cômodo entregar as decisões aos outros, ao acaso, a Deus.

Sendo assim, algumas pessoas temem a liberdade, pois não sabem o que fazer uma vez que estão livres. O domínio da liberdade exige a consciência de saber agir, pois, na visão de Freire (2011), não somos livres para simplesmente fazer o que queremos. Isso não é liberdade, já que ser livre significa agir em consonância com a transformação da realidade, conforme citação: “Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela” (FREIRE, 2011, p. 43).

Basta, porém, que homens estejam proibidos de “ser mais” para que a situação concreta em que tal proibição se verifica, seja em si mesma uma violência. Violência real, não importa que, muitas vezes, adocicada pela falsa generosidade a que nos referimos, porque fere a ontológica e histórica vocação dos homens: a de “ser mais”.

Vimos nesse tópico que as causas do medo para Paulo Freire se dirigem para duas situações. Na primeira em diálogo com Shor (2011), o medo está relacionado com as inseguranças envoltas da missão política do educador. As inseguranças que rodeiam a possibilidade do fracasso do sonho político é uma experiência que assusta o educador comprometido com as mudanças estruturais da sociedade e da escola. A segunda causa do medo está relacionada com o que Freire (2011) denomina de “ausência da liberdade”.

Vimos por meio da experiência de Shor (2011) compartilhada à Freire, que abrir mão da liberdade não é algo tão simples de entender. Ele mesmo presenciou diversos colegas perderem seus empregos por conta de suas convicções. Outros mais abdicaram de sua liberdade para garantir seu emprego. É a realidade das instituições de ensino que querem um professor domesticado a seus interesses.

Uma das saídas para não abrir mão da liberdade – “vocação ontológica do ser humano” – está na dosagem da resistência. Ações sectárias ou conformistas não fazem parte do repertório das estratégias pensadas por Freire e explicadas por Shor (2011), para lutar pelo direito de ser livre. E é na perspectiva de lutar pela liberdade e resistência ao medo e a opressão que vamos discutir as superações do medo no nosso último tópico.

2.3.3. Superações do medo e a liberdade como uma conquista

Na “Pedagogia do oprimido”, Paulo Freire (2011) alude à ideia segundo a qual: as formas como as pessoas se educam – e aqui não se trata apenas da educação formal – dependem das relações sociais que foram construídas no tempo e na história. Uma sociedade dividida entre opressores e oprimidos gerará uma educação oprimida e reprimida, pois os opressores, sujeitos da ação histórica e política, têm interesse em manipular os oprimidos para manterem esse *status quo*. Daí que o medo enraizado nos oprimidos pelos opressores é uma arma fundamental para a conservação de sociedades divididas, conforme citação:

Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, “imersos” na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la. E a temem, também, na medida em que lutar por ela significa uma ameaça, não só aos que a usam para oprimir, como seus “proprietários” exclusivos, mas aos companheiros oprimidos, que se assustam com maiores repressões (FREIRE, 2011, p. 47).

Como estamos analisando, para Freire (2011), a condição humana não é a de medo, este lhes é imposto pelas condições sociais nas quais os oprimidos estão submetidos. Portanto, Freire (2011) propõe que os oprimidos lutem como homens, e não como “coisas”. É precisamente porque reduzidos a quase “coisa”, na relação de opressão em que se encontram destruídos, que é necessário que os oprimidos resistam à essa condição que não lhes é própria. Para resistir é importante que ultrapassem o estado de “coisa”, ou seja, não podem comparecer à luta como quase “coisas”, negando a condição de serempessoas.

Freire (2011) utiliza uma analogia interessante para que o leitor entenda o conceito de liberdade. Para o nosso intelectual recifense, o processo de libertação requer esforço, coragem, perseverança. Nenhum opressor vai dar gratuitamente a liberdade para qualquer oprimido. A liberdade é esforço, conquista, conforme citação:

A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos (FREIRE, 2011, p. 48).

Na pedagogia humanizadora de Freire (2011), não se trata de uma classe destruir a outra de forma odiosa. A pedagogia de Freire (2011) é transformadora e libertadora, ela almeja superar a contradição entre opressores e oprimidos. Com isso, seu objetivo é romper com as barreiras que os superam, já que Freire (2011) aposta na igualdade via

liberdade entre os seres humanos. Conforme o educador recifense, a pedagogia do oprimido tem dois momentos distintos:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 2011, p. 57).

Podemos dizer que o primeiro momento diz respeito à tomada de consciência da realidade oprimida via o diálogo comum, ou seja, cooperativo, já que Freire (2011) rejeita formas de educação egoístas e individualistas. O outro momento é o da ação, uma vez que os oprimidos se reconhecem como oprimidos e sabem que esta não é a sua vocação ontológica, eles rompem com os medos e transformam o contexto pela liberdade. Não são duas situações distintas, estanques. Esses momentos fazem parte de uma única situação na qual teoria e prática estão unidas: a libertação dos oprimidos pela pedagogia libertadora.

Isso implica também numa pedagogia que orienta o papel do educador e do educando, na qual Freire menciona como a: “Concepção problematizadora e libertadora”. Ela está em contraste com outro tipo de pedagogia chamada de: “Concepção bancária”. Nesta, os educandos não são sujeitos do processo do ensino-aprendizagem. Eles não pensam, os educadores pensam por eles. A educação é centrada unicamente no educador, aquele que “sabe tudo” e transmite esse saber para os educandos como se esses fossem depósitos de conhecimento. Esse tipo de pedagogia é reflexo da divisão de classes entre opressores e oprimidos, conforme citação:

Na verdade, o que pretendem os opressores “é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime”, e isto para que, melhor adaptando-se a esta situação, melhor os dominem. Para isto se servem da concepção e da prática “bancárias” da educação, a que juntam toda uma ação social de caráter paternalista, em que os oprimidos recebem os nomes de simpático de “assistidos” (FREIRE, 2011, p. 84).

Por ser uma concepção autoritária de educação reflexo de uma sociedade dividida em classes, a concepção bancária tem como meta manter o medo nos oprimidos pelos opressores, ao passo que, por ser uma educação “violenta”, impede que os oprimidos lutem pela liberdade. Contrário a esse modelo pernicioso de educação que ameaça a liberdade inculcando o medo nas pessoas, Freire (2011) propõe a educação problematizadora e libertadora.

Essa concepção de educação opera como remédio para os males causados pela educação bancária. Um dos objetivos daquela concepção de educação é o de acordar as

peças do sono letárgico da dominação e da opressão, e lembrar-lhes que o medo e a violência são partes constituintes da desumanização, portanto, não é parte intrínseca do processo de humanização, autêntica “vocação ontológica” do ser humano, conforme Freire (2011):

É que se os homens são estes seres da busca e se sua vocação ontológica é humanizar-se, podem, cedo ou tarde, perceber a contradição em que a “educação bancária” pretende mantê-los e engajar-se na luta por sua libertação (FREIRE, 2011, p. 86).

O trabalho do educador nesta concepção libertadora de educação é o de ser mediador entre os educandos e o ensino-aprendizagem. O educador não é centro, “estrela” dessa constelação. Ele é companheiro, amigo, educador. O conhecimento nessa perspectiva é algo que tem de ser compartilhado de uns para com outros, ele é construído na coletividade por meio do diálogo entre os protagonistas “mediatizados” pelo mundo. Portanto, um dos principais elementos que constituem a educação problematizadora é o diálogo.

O diálogo é a porta para a liberdade e assim, para a superação dos medos no ensino-aprendizagem. Por meio de uma educação dialógica, as pessoas se sentem atuantes e partícipes do processo de ensino-aprendizagem, e podem juntas, entenderem as condições desumanas de opressão e buscarem meios para superá-las. Contudo, não pode haver diálogo se não há amor e respeito mútuos, se as pessoas envolvidas se tratam com ódio, preconceito e tentativas de intimidações pelo medo, conforme citação:

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a *pronúncia* do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunde. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados. Amor, não. Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens (FREIRE, 2011, p. 110-111).

Concluindo esse último tópico, vimos que a luta pela liberdade e a resistência ao medo e a opressão passam, primeiro, pelo reconhecimento da situação de opressão por parte dos oprimidos. Numa situação de opressão, opressor nenhum vai dar gratuitamente a liberdade de ninguém. Ele quer sim, é mantê-la, naturalizá-la. Para isso ele se utiliza de muitos meios, um deles, é o da educação bancária. Esta educação, reflexo de uma sociedade desumanizadora, tem como objetivo manter o conformismo dos educandos por meio de metodologias autoritárias e centralizadoras dos educadores. Nesse contexto, o ensino-aprendizagem fica comprometido porque o medo é o seu principal emoliente.

Assim, para superar o medo e conquistara liberdade, Freire (2011) aposta na energia das classes oprimidas nas quais, por meio do diálogo e da busca por uma situação melhor, elas são capazes de romper as cercas, derrubar os muros, e instaurar uma nova ordem humanizadora. A educação tem um papel central, nesse aspecto. Não aquela, a bancária, obviamente. Freire (2011) aposta na concepção de educação libertadora e problematizadora.

Este modelo de educação revolucionou o ensino-aprendizagem por, como vimos, pelo menos duas razões: na primeira, os oprimidos desvelam a realidade para transformá-la. Na segunda, já não há mais opressores e oprimidos, mas seres humanos numa condição de liberdade e de igualdade. Portanto, essa concepção de educação tem como principais focos: o combate ao medo e a opressão, a resistência à opressão por meio da luta pela liberdade para chegar a humanização da sociedade.

3 CONCLUSÃO

Na obra: “Pedagogia da esperança”, Freire (2011) ao compartilhar com o leitor suas experiências como educador, não mais do Brasil ou Chile, mas do mundo, apresenta duas consequências do “medo da liberdade”: “A fuga do real, a tentativa de domesticá-lo pela ocultação da verdade” (FREIRE, 2011, p. 79). Observando a primeira consequência, podemos afirmar que o medo da liberdade pode nos alienar jogando-nos em outra dimensão onírica da vida. Esta dimensão pode estar relacionada a religiões descomprometidas com a mudança social, ou mesmo a fuga para dentro de si, o individualismo que dá margem para o: “salve-se quem puder”.

Já a segunda consequência é análoga a fixação da condição de opressão e violência por meio da naturalização das coisas. Domesticar significa conter as pessoas por meio da violência, medo e manipulações, impedindo-as de enxergar a verdadeira condição humana. Em ambos os casos, o ensino-aprendizagem através da educação bancária opera como aliado fundamental para a domesticação e conformismo dos oprimidos e manutenção do poder dos opressores.

Contudo, Freire em diálogo com Shor (2011) nos ensina que o medo existe, mas ele é provisório, não é algo intrínseco à natureza humana a ponto de não podermos superá-lo. Muito embora, há quem deseje isso. Vimos que as causas do medo estão em nós mesmos, já que o medo é real. Assim também, o medo pode vir de fora para dentro,

por intermédio de um contexto de violência e opressão. De novo, em ambos os casos, o medo é passageiro. Se o medo está em nós de forma efêmera, nós podemos extirpá-lo, superá-lo, vencê-lo.

Da mesma forma, se o medo é também uma condição social, nós podemos transformar a sociedade, superando os medos e lutando pela nossa liberdade, autêntica vocação ontológica do ser humano. A educação libertadora e problematizadora é veículo inerente para a superação dos medos e afirmação da liberdade. Ela potencializa os oprimidos para romper as cadeias da opressão e instaurar uma nova ordem social, sem ódios e ressentimentos, mas com amor e diálogo.

FEAR IN THE FRONTEIRS OF THE TEACHING-LEARNING PROCESS ACCORDING TO PAULO FREIRE

ABSTRACT

The objective of this research paper is to examine, philosophically, the concept of fear, its causes and consequences within the teaching-learning process in the thought of Paulo Freire. It begins with a conceptual analysis of “fear” in *Medo e Ousadia: o Cotidiano do Professor (A Pedagogy for Liberation: Dialogues on Transforming Education)*, written in the form of a dialogue between Paulo Freire and the educator Ira Shor (2011). The intent of this paper is to understand how fear was a part of Paulo Freire’s life experience, and how he explains his fears starting from his own reality. Next, it seeks to understand the causes of fear, basing its analysis on *Medo e Ousadia* and *Pedagogy of the Oppressed* (Freire, 2011). The paper examines the causes of fear encountered by educators through examples narrated by Freire and Shor in *Medo e Ousadia* (2011). It also analyzes the causes of fear in relation to the absence of freedom as discussed in *Pedagogy of the Oppressed*. The paper concludes by presenting ways to overcome fear and to achieve freedom through an education based on a teaching-learning process that is guided by liberating and problematizing methods.

Keywords: fear, freedom, teaching-learning process.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. SHOR, Ira. **Medo e ousadia:** o cotidiano do professor. 13^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 50^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.